

MÉTODO INTUITIVO E MATERIAIS PEDAGÓGICOS E ESCOLARES: ASPECTOS DESSA RELAÇÃO NOS GRUPOS ESCOLARES NORTE-RIO-GRANDENESES (INÍCIO DO SÉCULO XX)

Crislane Barbosa Azevedo¹
Rosa Milena Santos²

RESUMO

Neste artigo discorremos sobre a relação dos materiais pedagógicos e escolares com o método de ensino intuitivo nos grupos escolares do Rio Grande do Norte no início do século XX. Tais materiais estiveram relacionados à formação física, moral e intelectual, do que se pretendia na época, como um cidadão republicano. A partir de pesquisa bibliográfica e documental sob perspectiva histórica, concluímos que os grupos escolares foram estabelecimentos de ensino primário considerados modelo, baseados em uma cultura escolar moderna, o que, no entanto, não foi suficiente para mantê-los afastados de problemas como a própria ausência ou incompletude de materiais pedagógicos e escolares.

Palavras-Chave: Grupos escolares. Rio Grande do Norte. Materiais pedagógicos e escolares.

ABSTRACT

In this article carry on about the relationship of teaching and learning materials with the intuitive method of teaching in school groups of Rio Grande do Norte in the early twentieth century. Such materials were related to the teaching of physical, moral and intellectual basis, of what was intended at the time, as a republican citizen. From bibliographical and documentary research in historical perspective, we conclude that school groups were primary schools considered model, based on a modern school culture, which, however, was not enough to keep them out of trouble as the very absence or incompleteness of teaching and school supplies.

Keywords: School groups. Rio Grande do Norte. Teaching and school supplies.

INTRODUÇÃO

A implantação da República no Brasil veio acompanhada de uma série de mudanças para a vida da população. No início do século XX, por exemplo, transformações urbanísticas como serviços de saneamento básico e de iluminação pública; construção de prédios públicos; estruturação de redes viárias; organização e limpeza de ruas, bairros e avenidas, ocorreram nas principais cidades, e, principalmente, nas capitais das estradas brasileiras. As mudanças publicavam o

¹ Licenciada e Bacharel em História, Mestre e Doutora em Educação. E-mail: crislaneazevedo@yahoo.com.br.

² Graduanda de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), bolsista de Iniciação Científica. E-mail: rosamilena3@gmail.com.

ideário republicano de "ordem e progresso" e, nesse sentido, apontavam para modificações também nas práticas e nos costumes da sociedade. O lema da modernidade tão propagado por intelectuais e administradores públicos do período atingiu direta e fortemente a educação por meio do estabelecimento dos grupos escolares.

A escola primária pública reorientava-se por meio do projeto dos grupos escolares, instituições cuja cultura escolar distinguia-se daquela experimentada nas antigas escolas isoladas, chamadas no Rio Grande do Norte, conforme a legislação da época, de escolas rudimentares. Considerados como escola moderna, os grupos eram organizados, de modo geral, por preceitos e práticas higienistas e o processo de escolarização baseava-se, especificamente, no método intuitivo. Para o êxito deste, toda uma gama de materiais pedagógicos e escolares era necessária. É nesse sentido que, por meio de pesquisa bibliográfica e documental, buscamos identificar a presença destes materiais nos grupos escolares norte-rio-grandenses e, assim, discorreremos sobre a cultura escolar dos grupos no período relativo ao processo de institucionalização dessas instituições no Rio Grande do Norte.

Entendemos que a cultura escolar é formada tanto pelo instituído, quanto pelo, de fato, efetivado, ou seja, como um conjunto de orientações e determinações legais bem como de práticas vivenciadas em torno dessas indicações institucionais. Assim é que concordamos com Julia (2001, p. 10) ao afirmar que cultura escolar consiste em um "conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos". Concordamos também com Antonio Viñao, segundo o qual, entre os elementos formadores e mais visíveis de uma cultura escolar estão, além dos atores e discursos, os aspectos organizativos e institucionais bem como a cultura material da escola. Sobre essa cultura material, Viñao destaca, entre outros aspectos, o material didático e o mobiliário escolar. (Antonio Viñao *apud* MARTÍNEZ, 2007, p. 48).

Foi com base em tais preceitos que buscamos localizar e analisar fontes de diferentes tipos e procedências. A busca pelo instituído instigou-nos ao trabalho com regulamentos ou regimentos de ensino, por exemplo. Já a procura de evidências ou indícios de práticas efetivadas nos grupos escolares, levou-nos à procura de documentos provenientes dos antigos grupos, principalmente, livros de termos de visita e relatórios de professores, diretores ou inspetores de ensino, nos quais a

situação dos grupos poderia ser descrita e comentada. Neste intuito, trabalhamos também com a fonte jornal, especificamente o "A Republica", do período de 1908 a 1930.

Não é incomum ouvirmos de professores ou mesmo de outros profissionais da educação, a responsabilização das condições materiais da escola, em grande medida, pelos êxitos, fracassos ou dificuldades nas condições de trabalho, especialmente, nas práticas de ensino junto aos alunos. Isso é característico da importância que a cultura material da escola tem sobre as práticas educativas. Assim, identificarmos os materiais, ou aspectos destes, que compunham os grupos escolares, significa percebermos aspectos relativos ao ensino ali ministrado e, portanto, da cultura escolar própria dos grupos. Esse processo de identificação não é pouco, se considerarmos que essa identificação leva-nos à compreensão de práticas escolares. A localização dos materiais no âmbito da cultura escolar, por sua vez possibilita-nos compreender, para além das práticas, o processo de apropriação de orientações e propostas pedagógicas assim como das reformas do ensino em vigor em determinado período, no nosso caso específico, no início do século XX.

GRUPOS ESCOLARES E A CULTURA ESCOLAR MODERNA

Os grupos escolares são uma criação, no Brasil, do governo republicano. Apesar de, no início da República o ensino primário ser considerado, constitucionalmente, responsabilidade dos estados, isso não nos impede de considerar que, a partir dos grupos, tem início um efetivo e ininterrupto processo de organização do ensino público no País. Implantados, inicialmente em São Paulo no final do século XIX (SOUZA, 1998), esse projeto de escola primária foi reconhecido, por intelectuais da educação e administradores públicos, como moderno e adequado aos propósitos higiênicos e civilizatórios da República e seguiu sendo adotado em vários estados brasileiros, tomando-se a experiência paulista como referência. Assim, em que pese a responsabilidade estadual pela organização e manutenção do ensino primário, os grupos, até 1930 já faziam parte da realidade escolar de praticamente todos os estados do País, como podemos observar na obra por Vidal (2006).

No Rio Grande do Norte, os grupos foram implantados em 1908 por meio de uma reforma da instrução pública cuja autorização deu-se por meio da Lei n. 249, de 22 de novembro de 1907. A reforma foi bem aceita pelos norte-rio-grandenses, de

acordo com Azevedo e Stamatto (2012, p. 131). Segundo as autoras, "o motivo parece ter sido a rejeição das medidas anteriores a 1907, responsáveis pela municipalização da instrução primária. Conforme determinação em lei, apenas algumas escolas permaneceram estaduais". Esse formato misto de organização da instrução pública era criticado até mesmo por membros do próprio governo.

Assim, os grupos escolares foram bem aceitos no Rio Grande do Norte, mas não apenas porque retomavam dos municípios as escolas públicas para a instância estadual. Mas, também pelo fato de que essa retomada vinha acompanhada da representação do novo e do moderno em matéria de educação escolar. Como mostra o relatório do diretor do Departamento de Educação, em 1924, Nestor dos Santos Lima, os grupos escolares foram uma grande inovação, difundida e implantada no Rio Grande do Norte:

A grande inovação da reforma do ensino de 29 de Abril de 1908 foi a introdução do moderno typo de escola graduada e extensa, conhecido por grupo escolar, que é o conjunto de varias escolas, seriadas nos conhecimentos, unificadas pela direcção, mas, autonomo techinicamente para a mais ampla transmissão de um saber organizado e gradual. (LIMA, 1924).ⁱ

A escola era considerada como produtora de uma cultura específica e como um espaço de convivência de culturas, como afirma Vidal (2009, p. 26), segundo a qual, a escola tinha ainda o intuito de estabelecer e determinar culturas e práticas para serem inseridas no cotidiano da população. Dessa forma, os ideais republicanos iriam não só adentrar no ambiente escolar, como na vida e nas práticas do cotidiano dos indivíduos já que os alunos dos grupos escolares iriam levar os ensinamentos que aprenderam para a sua família, compartilhando dos ideais e costumes escolares que o governo republicano propunha, como declara Boto (2004, p. 508):

À escolarização caberá conferir hábitos: para as crianças e também para seus pais. Os alunos deveriam multiplicar os ensinamentos escolares em seus lares, de tal modo que, indiretamente, os pais pudessem também se beneficiar da escolarização e das visões e versões de mundo por ela apresentada.

As relações que a escola mantém com outras culturas que lhe são externas devem também ser alvos de estudo na compreensão de Julia (2001) sobre cultura escolar. Segundo o autor, esta "não pode ser estudada sem a análise precisa das

relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular" (2001, p. 10). Por meio dos grupos escolares cria-se uma nova cultura escolar no âmbito do ensino primário e essa nova cultura produz saberes que lhe são próprios e que vão além das instituições de ensino modernas, atingindo, por meio dos sujeitos integrados ao seu cotidiano escolar, toda a sociedade da época. Assim, nessa cultura escolar os alunos seriam envolvidos intelectual, física e moralmente e as noções adquiridas sobre disciplina, esforço, obediência, civismo, civilidade e higiene, entre outras, seriam levadas para fora dos grupos atingindo por meios das respectivas famílias dos alunos, a sociedade do período. Como exemplifica Boto (2004, p. 508):

Muitos eram os relatos que induziam o aluno a comportamentos sociais que a escola valorizava: o asseio, a obediência, a disciplina, a polidez, o esforço e a perseverança. Quando a civilidade se apresenta como uma segunda natureza, de alguma maneira ela se amplia e passa a ser nomeada civilização dos costumes [...].

A organização e direção dos grupos pautavam-se em preceitos higienistas e ideais republicanos, entre eles, podemos destacar o de modernidade, que para o ensino caracterizou-se no método intuitivo. Sendo assim, a cultura escolar iria ser construída dando condições favoráveis a um bom funcionamento ao grupo escolar, como podemos observar no registro do jornal "A Republica" sobre Grupo Escolar Dr. Octaviano, em 1908:

O prédio escolar está em boas condições higienicas e o material escolar bem conservado, notando se porem, a ausência dos tornos de sapateiro, para o ensino de arithmetica, falta essa que a professora sabe preencher no horário com a resolução de pequenos problemas em papel individual. E' bota [SIC] o aproveitamento e comportamento dos alumnos. (PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Dr. Octaviano>. *A Republica*. Natal, 04 de jan. 1918, p. 01)ⁱⁱ.

Outro exemplo de regularidade da nova cultura escolar poderia ser observado no Grupo Escolar Joaquim Nabuco, em 1922, pelo termo de visita de Francisco Gonzaga Galvão, um inspetor de ensino que deixou uma boa impressão da ordem e do funcionamento da escola com horários e programas seguidos de acordo com as orientações da diretoria geral da instrução pública e com a inserção dos livros didáticos para os processos de aprendizagem dos alunos:

Folgo em dizer que é boa a impressão por mim lograda nesta visita, já pela regularidade e ordem com que vai funcionando a escola, já pela observancia que estão o horario e o programma officiaes, já, emfim, quanto ao emprego dos livros didacicos [SIC] e dos methodos e processos pedagogicos recommendados pela Directoria Geral da Instrucção Publica. Os alumnos revelam já satisfatorio aproveitamento de par com uma conducta digna de applausos. (GALVÃO, Francisco Gonzaga. Pelo ensino – visitas escolares – grupo escolar “Joaquim Nabuco” (Taipú). *A Republica*. Natal, 28 de abr. 1922, n. 93, p. 01).

A escola possuía um modo singular de vivências que era capaz de construir, formar e transmitir valores, comportamentos, normas, regras e conhecimento, constituindo assim uma nova cultura, como declara Azevedo (2011, p. 106): “Como uma instituição social, a escola possui vivências intrínsecas a ela, capazes de formar e transmitir valores, visões de mundo, comportamentos, normas, conhecimentos, portanto, uma determinada cultura”.

Os grupos escolares foram acompanhados de uma nova concepção de arquitetura escolar e de exigências próprias de uma escola moderna. Souza (1998, p. 16) lista exemplos de tais exigências com base na pedagogia moderna: “classes, bibliotecas, museus, laboratórios, oficina, ginásios, pátios para recreio, auditórios”, além de “uso de novos materiais escolares, outro tipo e mobília escolar abundante material didático”. Opinião similar a esta encontramos em Moura e Barros (2007, p. 3) quando afirmam que: “[...], com o advento dos grupos escolares, a materialidade escolar, até então, praticamente inexistente, teve de ser incrementada para corresponder aos ideais aspirados para a época como a disciplina, a ordem, o patriotismo e a civilidade”.

Ao investigarem a cultura material do Grupo Escolar Capitão-Mor Galvão, em Currais Novos-RN, Moura e Barros (2007) declaram a importância alcançada pela estrutura arquitetônica da instituição associada ao seu mobiliário escolar, composto por móveis específicos seja para a sala da direção, como escrivaninhas de metal e armários de madeira, seja para as salas de aula, como quadros de giz, bancos-cadeiras e estrados. Nas palavras das autoras:

[...], abraça-se definitivamente a causa de se dispor para a escola um espaço real, caracterizado por atividades específicas e equipado, igualmente, de forma específica. Nessa nova ordem estética, ganha destaque o material permanente de cunho didático-escolar, como mapas, globos, instrumentos de medição e demais outros, bem como os destinados a ensinamentos importantes como o cuidado

com a imagem e a inculcação de novos valores, como mastros, bandeiras, escudos, fotos. (MOURA e BARROS, 2007, p. 7).

Os edifícios dos grupos escolares norte-rio-grandenses tinham influências da arquitetura francesa. O primeiro grupo escolar potiguar foi o Grupo Escolar Augusto Severo, Natal-RN, que apresentava as seguintes características: “se enquadra ao estilo eclético da arquitetura francesa, dos finais do século 19 e início do século 20, possui elementos de Art Nouveau e tem elementos justapostos às características neoclássicas e do rococó”, como declara Moreira (2005, p. 94). Em relação aos demais grupos do estado, apesar de não terem uma arquitetura primorosa, as construções desses edifícios seguiam os preceitos higienistas, como mostra o relatório da diretoria da instrução pública apresentado pelo diretor Dr. Francisco Pinto de Abreu, em 1910: “[...] A escassez de recursos orçamentários não permitirá, por certo, arquitetura primorosa, mas não serão desprezadas as condições elementares de conforto e higiene. [...]”. Vemos uma preocupação com a situação higiênica do mobiliário, dos alunos, das salas de aulas, do pátio, enfim de tudo que cercava os grupos escolares, com a finalidade de prevenir de doenças e males, os cidadãos republicanos.

A construção dos grupos escolares pode ser associada a um projeto mais amplo de intervenção nas práticas sociais, em grande medida pela difusão dos preceitos médicos que a orientavam. Sob a denominação de higiene, um ramo da medicina voltada para o “social”, de caráter preventivo, vários aspectos da educação escolar foram repensados. Conforme Vago (1999, p. 93), “a ideia de reunir as escolas isoladas em um único e específico prédio escolar teve como um de seus suportes a preocupação obsessiva com preceitos de higiene, que, da arquitetura à distribuição do tempo, do programa de ensino ao código de disciplina, da diretora à servente, deveria atingir os corpos das crianças”.

Com base nesses princípios de higiene, Moura e Barros (2007) identificaram no Grupo Escolar Capitão-Mor Galvão, em Curais Novos-RN, no início do século XX, uma série de materiais que compunham o cenário escolar. Segundo as autoras (2007, p. 6):

Quanto a essa particularidade de se obter um rigor quanto ao asseio, consta no *Inventário* do Capitão-Mor Galvão a presença de materiais como lavatórios, escarradeiras, lixeiras, bacias de flandres, jarras, toalhas, baldes, vassouras, desinfetantes, espanadores, cantareiras de ferro, salvas (bandejas) de ágata e esponjas para limpar os

quadros de giz. Vale salientar que todo esse arsenal patenteou um conjunto de normas profiláticas condizentes com os princípios que deram vigor ao ideário de modernidade em torno da Primeira República, [...].

Souza (1998, p. 143) ressalta que "[...], as representações em torno da higiene escolar contribuíram para reforçar valores morais relacionados a padrões de comportamento considerados civilizados". Dessas representações e dos próprios preceitos higienistas criava-se a ideia de corpo civilizado, sadio e moralizado. De acordo com médicos higienistas da época, os "inimigos" do corpo civilizado ou do "corpo social", como prefere Herschamnn (1994, p. 49), "eram os 'excessos' e 'desvios'; era preciso, portanto, disciplinar a sociedade, inculcar valores, destruindo, desse modo, os 'vícios' e as 'perversões' que tanto ameaçavam os centros urbanos [...]". As pretensões higiênicas estavam para além da escola primária. Esta seria um dos veículos divulgadores dos preceitos higienistas do final do século XIX para início do XX. Passava a ser tarefa da escola primária,

Eliminar as atitudes viciosas e inculcar hábitos salutarés, desde a mais tenra idade. Criar um sistema fundamental de hábitos higiênicos, capaz de dominar, inconscientemente, toda a existência das crianças. Modelar, enfim, a natureza infantil, pela aquisição de hábitos que resguardassem a infância da debilidade e das moléstias (ROCHA, 2003, p. 179).

A presença de preceitos higienistas nos grupos escolares, como vimos, não marcou apenas as práticas relativas ao asseio dos ambientes e dos corpos neles inseridos. A higiene teve ramificações nas próprias práticas pedagógicas por meio de orientações consideradas científicas para a produção de materiais pedagógicos e mobiliário escolar. Essa presença não está ligada apenas a uma racionalidade pedagógica. Ela se relaciona, também, a uma racionalidade política e social, no sentido de buscar a formação de uma sociedade disciplinada com ares de urbanização e civilidade. Ao se referir à relação entre higiene e grupos escolares, Amorim (2013, p. 58) afirma que:

A intervenção da área médica não se dava apenas nas práticas higiênicas do cotidiano escolar, mas intervinha também na prática pedagógica orientando sobre qual material didático a ser usado; a melhor maneira de sentar-se na cadeira para escrever; a melhor distância do quadro, largura e altura das carteiras, enfim, tudo era orientado através do campo médico almejando a prevenção de doenças, introdução de cuidados com a saúde prevendo a formação de cidadãos fortes e saudáveis. Logo, podemos observar que o

material pedagógico também era do conhecimento do campo médico que realizava pesquisas e orientava na confecção bem como na compra e na forma de uso desses materiais para que fossem utilizados da melhor maneira para não comprometer a saúde da sociedade escolar que fazia o uso dele.

As preocupações higienistas localizavam-se no bojo das discussões sobre modernidade. Esta levada para a esfera da administração pública e do Estado, contou não apenas com a intervenção médica. Herschamnn (1994, p. 44) salienta que, ao lado dos médicos é preciso considerarmos o papel dos engenheiros e dos educadores. Opinião similar à de Kropf (1994, p. 222), segundo a qual, "[...]. Guardadas as devidas particularidades e diferenciações nos discursos desses intelectuais reformadores, pretendia-se legitimar um programa social de modernização [...]". O papel dos educadores foi evidente, por exemplo, na defesa dos métodos de ensino modernos, com destaque, no Brasil da passagem do século XIX para o XX, para o que se convencionou chamar de método intuitivo. O ensino nos grupos escolares era pautado por tal proposta metodológica, que veio a se constituir em uma das bases da cultura escolar do início do século XX.

Segundo Vidal (2009, p. 34) o ensino intuitivo convidava os alunos a ver para aprender. Para a autora, este método se contrapunha ao ensino verbalista, baseado na memorização e repetição dos conteúdos, como era observado no ensino rudimentar, já o ensino intuitivo ou lições de coisas, partia da observação do concreto para a formulação do pensamento abstrato. Dessa forma, o método intuitivo fazia com que o aluno, ao se deparar com um objeto a ser estudado, tocasse, ouvisse, sentisse e cheirasse este objeto com o objetivo de produzir um conhecimento ou um conceito acerca dele, fazendo com que ele desenvolvesse e construísse a sua própria opinião a respeito do que estava estudando. Por isso, o aluno iria construir seu processo de aprendizagem baseado na sua experiência tanto individual quanto em grupo, preparando-se para a sua vida futura, como declara Vidal (2009, p. 34):

Orientado pelo professor, o aluno passava a construir seu próprio processo de aprendizagem pela experiência vivida, individual e solidariamente, em classe. A escola ativa aliava-se à escola do trabalho realizado em colaboração e pretendia preparar para a vida em comunidade.

De acordo com Souza (1998) a introdução do método intuitivo, no Brasil, ocorreu no século XIX, inicialmente em algumas escolas particulares, onde era

apresentado como sinônimo de inovação e qualidade no ensino. Contudo, ressalta a autora que foi mesmo por meio da instrução pública que adquiriu popularidade, sobretudo, por meio de reformas executadas pelo Estado no final do século XIX. "A confiança no método fazia parte da mentalidade do século XIX, impregnada dos princípios de racionalização da produção e da vida social" (1998, p. 159).

Com o método intuitivo, a observação e os objetos fariam com que os alunos estabelecessem uma relação que viria da percepção às ideias, ou seja, era a partir da observação e dos objetos que os alunos iriam ampliar seus conhecimentos fazendo com que eles apreendessem o mundo através dos sentidos e que a escola deveria explorar a forma, as propriedades as características e utilidades dos objetos vistos como símbolos de civilização, como declara Valdemarin (2004 *apud* SOUZA 2013, p. 106). Sendo assim, a presença de materiais pedagógicos e escolares era indispensável para o desenvolvimento do ensino intuitivo, já que era a partir do trabalho junto com os materiais, que os alunos iriam aprender a lidar com este método, observando os materiais pedagógicos e escolares a partir de suas experiências, como afirma Azevedo (2009). Dessa forma é que os materiais pedagógicos e escolares tornam-se importantes de serem investigados. Como nos lembra Souza (1998), tais materiais foram, por muito tempo, excluídos da história do pensamento pedagógico e da história da educação, posto que considerados como questão menor relativa ao saber e ao saber-fazer no ensino. Contudo, "no processo de renovação da escola primária no século XIX, esses materiais fizeram parte das grandes questões tematizadas acerca da organização pedagógica do ensino" (1998, p. 223).

CULTURA MATERIAL ESCOLAR: OS MATERIAIS PEDAGÓGICOS E ESCOLARES

Os materiais pedagógicos e escolares a que nos referimos compreendiam os recursos para o exercício do método intuitivo. Os materiais pedagógicos eram, por exemplo: os contadores mecânicos, a coleção de sólidos, o mapa do Brasil, o globo terrestre, os quadros negros, as tintas, os lápis, as folhas de mata-borrão entre outros objetos que auxiliassem os alunos diretamente nas atividades relativas às disciplinas escolares, ou seja, que contribuíssem para seu aprendizado. Já os materiais escolares eram, por exemplo: mesas, cadeiras, bancos-carteiras, escarradeiras, sineta, relógio de parede, entre outros objetos e aparelhos físicos que

compunham a estrutura da escola dando, ao aluno, mais suporte e comodidade para aprender.

Esses materiais exerciam grande importância na vida de um indivíduo. Era a partir desses recursos que os alunos possivelmente, iriam construir sua percepção a respeito do que estavam estudando. Eles exercitariam sua escrita e desenvolveriam seu lado intelectual, já que teriam que responder aos exercícios propostos pelos materiais. Porém, não eram só os materiais pedagógicos que exerciam influência no modo de aprendizagem do aluno, o contato com objetos como móveis, estrados, relógios, pátio, corredor e biblioteca, como afirma Vidal (2009), também era um modo de aprendizado.

Por isso, há importância em se pesquisar sobre esses materiais, já que eles podem ser considerados como instrumentos capazes de reconstruir o imaginário e as práticas do ensino primário do início do século XX, dando a perceber quais eram as condições que os grupos escolares daquela época tinham em relação aos objetos auxiliares da aula e como as professoras se utilizariam dos objetos nas condições que vivenciavam. De acordo com este pensamento Rosa Fátima de Souza (2007, p. 179-180 *apud* CASTRO e SILVA, 2011, p. 211), afirma que era a partir das práticas escolares com os materiais pedagógicos que era possível ter a compreensão do funcionamento interno das aulas e de sua função na sociedade, destacando a importância desses materiais para a compreensão do âmbito escolar e suas influências para a população: “Da articulação entre saberes, práticas e materiais escolares é que se concretiza o fazer pedagógico que está no cerne da compreensão do funcionamento interno da escola e de sua função no tempo e espaço sócio-histórico”.

O Estado do Rio Grande do Norte se preocupava no que diz respeito aos materiais pedagógicos que dariam melhores condições de ensino para a população. Um exemplo disso, podemos observar no regimento interno do Grupo Escolar Trinta de Setembro, na cidade de Mossoró-RN, em 1909, que assim declarava:

Material escolar e livros didáticos

Art. 61. - Os móveis e utensílios escolares deverão cingir-se aos modelos que facilitem a vigilância do professor, a responsabilidade individual do aluno e a satisfação dos preceitos higiénicos e pedagógicos. Para este fim serão observadas as seguintes regras:

a) os bancos serão feitos de modo que possam os alunos sentar se posicionar os pés sobre o chão, tendo as pernas perpendiculares a este, as coxas em ângulo recto com as pernas, e o tronco em ângulo

recto com as coxas; b) o assento terá uma ligeira inclinação de diante para traz, devendo ter o encosto altura sufficiente para apoiar a região lombar;c) as carteiras serão proporcionaes á estatura dos alumnos; d) os móveis serão dispostos na sala conforme a projecção da luz, devendo os meninos recebel-a do lado esquerdo e do alto. [...]. (RIO GRANDE DO NORTE. *Regimento Interno do Grupo Escolar "Trinta de Setembro, 1909*).

Esses objetos pedagógicos, tão essenciais para o ensino intuitivo deveriam ser o quadro-negro, com giz colorido e branco, livros para leitura para o mestre, mapas para o ensino de aritmética, entre outros objetos que deveriam estar nos grupos escolares, conforme o regimento interno dos grupos escolares e escolas isoladas do Rio Grande do Norte, em 1914, que assim determinava:

§19º Material pedagogico

102 - Alem da mobilia e mais objectos necessarios á escola, deverá haver o seguinte material pedagogico, para a execução dos programmas e das instrucções:

1 Quadro-negro, para cada classe, com giz colorido e branco, e escova.

Livros de leitura, para o mestre, conforme a escolha pela lista.

1 mappa para o ensino da Arithmetica.

6 kilos de tornos de sapateiro ou pequenos palitos de 1 pollegada de tamanho.

1 contador mecanico.

1000 cubos.

Figuras e gravuras coloridas para linguagem.

Quadros e retratos historicos.

Cartões com letras grandes coloridas para linguagem e mosaico.

Papel liso de jornal (para desenho e calculo).

Papel pautado (para escripta, dictado, compsição e calligraphia).

1 ponteiro de madeira de 1m, a 1m, 20.

1 collecção de sólidos geométricos de madeira.

1 globo geographico.

1 planispherico.

1 mappa-mundo.

1 appa do Brazil primario de Olavo Freire.

1 mappa do Rio Grande do Norte.

1 mappa de termos geographicos de Niox.

1 mappa cosmographico.

Collecções do Museu Escolar Brasileiro (as cinco series),

1 Collecção Matrat.

1 Collecção Delonnoy.

Museu de cereaes, mineraes, plantas e outros especimens quaesquer para as lições de coisas, segundo o programma

Material para costura - linha, agulha, dedal panno, &

Idem para cartonagem: papel-cartão, tesouras, compassos, transferidores, regoas, colla, tiras de papel.

Papel liso branco e collorido, para obrado e recorte.

Já os materiais escolares, como as carteiras, de acordo com Castro e Silva (2011, p. 209) deveriam corresponder ao comportamento que o aluno deveria ter no ambiente escolar, elas lhes ensinavam a ser disciplinados, a moldar uma higiene corporal, além de dar conforto no processo de aprendizagem, principalmente, quando elas se tornaram indispensáveis para escrever:

[...] na cena escolar [...]. Bancos e cadeiras ordenavam espaços e sujeitos dentro de um universo delimitado. Na escola, mesa e cadeira encontraram força singular que as transformaram em objetos com atuação direta na higiene do corpo, na disciplina, no conforto e na aprendizagem. Perpetuaram-se como objeto fundamental para um bom ensino. Algumas delas, no entanto, ganharam um real espaço no ensino quando se tornaram necessárias como apoio para escrever, pois até então ensinava-se, primordialmente, a ler. (CASTRO e SILVA, 2011, p. 209).

Para Castro e Silva (2011, p. 212), a necessidade de se ter um material escolar, como a carteira, adequada ao aluno, era requisito para atender às demandas didático-pedagógicas dos métodos de ensino. Para Maria de Fátima Machado (2004, p. 11 *apud* CASTRO e SILVA, 2011, p. 212):

A distribuição espacial dos alunos foi facilmente reconhecida como norma de método de ensino. Ela atravessa toda a história da educação, desde o mútuo ao simultâneo, reclamando os diferentes métodos, diferentes espaços, capazes de suportar as diferentes especificidades de cada método, nomeadamente na relação entre o tamanho dos grupos e o dimensionamento da sala de aula.

Por tudo isso foram construídas carteiras que continham a altura ideal entre o assento e a mesa, muitas delas importadas de outros países, pois acreditava-se que elas seriam as mais adequadas ao desenvolvimento do ensino, sem proporcionar grandes malefícios à saúde dos alunos, já que os pés das carteiras deveriam ser fixada ao solo para evitar possíveis deslocamentos prejudiciais a saúde do aluno, como afirma Vidal (2009, p. 34):

Surgiram, assim, as carteiras que, além de regularem a altura ideal entre o assento e a mesa, normatizavam a distância entre o encosto do banco e o borde da mesa e a inclinação desta última. Com um ou dois lugares, as carteiras, feitas com pé de ferro fundido, deveriam ser fixas ao solo para evitar que seu deslocamento causasse outros danos à saúde do escolar.

De acordo com o Dr. Nestor dos Santos Lima, em 1926, no Relatório do Departamento de Educação, o mobiliário norte-rio-grandense foi fabricado em Natal

pela Serraria Industrial Limitada, dando a entender que além do material pedagógico fornecido aos grupos escolares à custa do Estado, a mobília deveria ser adequada ao aluno de modo a dar mais comodidade e conforto para eles conseqüentemente terem um bom aprendizado: "[...] teem mobiliario novo fabricado nesta capital pela Serraria Industrial Limitada e possuem todos material pedagogico fornecido pelo Departamento e á custa do Estado. [...]" (LIMA, 1926).

Pesquisar sobre materiais pedagógicos e escolares proporciona-nos condições de compreender a cultura escolar de uma época e as relações entre diferentes momentos da organização da educação escolar pública do País. Como bem afirma Souza (1998, p. 224), "o aparecimento, uso, transformação e desaparecimento dos objetos escolares são reveladores das práticas educacionais e suas mudanças". Como já afirmamos, os grupos escolares, considerados escolas modernas e detentoras de um ensino primário renovado, requeriam uso de uma grande quantidade e variedade de materiais pedagógicos e escolares muitos daqueles sugeridos pelas autoridades do ensino podem ter tido vida curta ou nem mesmo chegado aos grupos do Rio Grande do Norte, a exemplo, das cartas de Parker, não localizadas na documentação analisada para esta pesquisa ou dos museus escolares com aparecimento mínimo nas fontes. Mas, outros como cadernos, quadros e livros de leitura, como bem declara Souza (1998, p. 224), "tiveram seu uso ampliado e passaram por profundas transformações. Outros, ainda, asseguraram sua presença definitiva no universo escolar, como os mapas, os globos, esquadros, compassos e microscópios". Especificamente sobre o início do século XX no Rio Grande do Norte, assim como a presença e a utilização de variados recursos são importantes de serem verificadas, consideramos que a ausência de materiais ou a sua presença mínima ou limitada nos grupos escolares são também aspectos que precisam ser investigados.

ENSINO MODERNO E RECURSOS: AS INTENÇÕES E A REALIDADE

Segundo o regimento do Grupo Escolar Augusto Severo, Natal-RN, a importância das lições de coisas, ou seja, do método intuitivo que tinha a finalidade de desenvolver a criança através da observação e da reflexão, materializava-se na presença dos objetos. Porém, mesmo que estivesse decretada a necessidade de se ter estes materiais, em alguns grupos escolares, a sua realidade não condizia com o

que estava escrito na regulamentação. De acordo com o regimento do Grupo Escolar Augusto Severo, em 1909:

Art. 5º Serão rigorosamente adotados os processos intuitivos, os quais consistem em apresentar materialmente ou pelo aspecto os objetos das lições. Art. 6º Os sentidos são os caminhos naturais por onde conduzem-se as explicações do mestre ao espírito dos alunos. Dentre os meios empregados para atingir esse fim, são as lições de coisas os que melhor resultado produzem, desenvolvendo na criança a faculdade de observação, preparando-a para refletir e ajuizar. (RN. *Regimento do Grupo Escolar "Augusto Severo"*, 1909. p. 83-99).

Os materiais pedagógicos serviam para exemplificar a explicação da aula dada pelas professoras dos grupos escolares. Para melhor exemplificar a importância dos materiais pedagógicos e ter a compreensão de seu funcionamento, é possível identificar no registro do jornal "A Republica" que o Grupo Escolar Antonio de Azevedo, em Jardim do Seridó-RN, no ano de 1911 ainda não tinha o material pedagógico completo mas, dispunha de vários recursos para o desenvolvimento prático do ensino intuitivo, dando a aferir que o funcionamento deste grupo escolar seria mais eficiente com os materiais pedagógicos completos, considerados essenciais para o ensino e a prática do método intuitivo:

O material pedagógico do grupo escolar, embora não esteja ainda completo, satisfaz bem ao ensino intuitivo e pratico das duas classes elementares que formam o grupo. Este material consta actualmente de 2 contadores mechanicos, 2 mappas do systema métrico, 2 do Brasil, 2 quadros pretos, 2 esquadros de madeira, 1 caixa de giz, 2 frascos de tinta preta, 1 resma de papel almasso, 1 duzia de lápis Faber, 1 duzia de canetas, 2 tesouras, 2 canivetes, 2 tinteiros para professores e 8 livros em branco. O mobiliário consta de 2 mezas para professores, 12 cadeiras de palhinha e junco, 1 armario, 1 relógio de parede e 30 carteiras para dois alumnos cada uma. Possui ainda o grupo lavatórios, escarradeiras e toalhas felpudas. (A REFORMA da instrucção – Os Grupos escolares. *A Republica*. Natal, 08/03/1911, n. 52, p. 01).

Também em 1911, no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, na cidade do Assú-RN, o material pedagógico também não estava completo, ou seja, segundo o inspetor de ensino Amphilóquio Câmara, no grupo não havia todos os materiais indispensáveis para o ensino do método moderno, mas com os recursos existentes necessidades do grupo eram atendidas. Era perceptível que o material pedagógico servia para a execução das aulas. Assim pronunciava-se o inspetor:

Quanto ao material pedagógico, o grupo não possui todo o indispensável; entretanto o que lá existe vai servindo satisfatoriamente até que a boa vontade do Presidente da Intendencia faça. Como pretende, aquisição do que falta. Actualmente, o [ilegível]. 2 contadores mechanicos, 1 colleção de sólidos, e formas geométricas, de madeiras, 1 mappa do Brazil, 1 globo terrestre, 3 quadros negros de 1m., por 2, 1 frasco de tinta preta, 2 duzias de lápis Faber, 1 caixa de giz, 1 resina de papel almasso, 1 caixa de pennas, 2 folhas de matta-borrão. (CAMARA, Amphiloquio. A reforma da instrucção – Os Grupos Escolares. *A Republica*. Natal, 20/09/1911, n. 201, p. 01).

No Grupo Escolar Joaquim Correia, em Pau dos Ferros-RN, no ano de 1911, apesar do mobiliário ser suficiente e de boa qualidade, havia a ausência dos materiais pedagógicos. Porém, segundo o inspetor de ensino Amphiloquio Câmara, eles corresponderam bem ao processo de ensino dos alunos, como mostra o registro do jornal “A Republica”:

O mobiliário é sufficiente e de boa qualidade, constando de 12 cadeiras, 18 escarradeiras, 4 bacias, 4 lavatorios, 12 toalhas felpudas, 4 mesas para professores, um armário e um relógio de parede. Alem disso, existem mais 45 bancos-carteiras, com encosto, para dois alumnos, medindo a mesa 0m, 98 [SIC] de comprimento por 0m 35 [SIC] de largura e tendo o banco uma altura de 0m 45 [SIC]. O material pedagógico é ainda deficiente. Todavia, corresponde bem ao ensino das classes elementares.

Neste ponto de vista, possui o grupo “Joaquim Correia”: 3 mappas do Brazil, 2 mappas da Europa, 2 mappas da Azia, 3 mappas da América do Norte, 3 mappas da América do Sul, 1 mappa do Rio Grande do Norte, 3 mappas do systema métrico-decimal, 4 escrivaninhas, 6 caixas de giz, 6 duzias de lapes Faber, 5 frascos de tinta, 4 duzias de canetas, 3 tesouras, 3 canivetes, 1 resma de papel almasso, 3 quadros negros, 1 globo terrestre, 6 esponjas, 1 bandeira nacional e 10 livros em branco. (CÂMARA, Amphiloquio. A reforma da intrucção – Os Grupos Escolares. *A Republica*. Natal, 09/02/1911, n. 32, p. 01).

No Grupo Escolar Thomaz de Araujo, em Acary-RN, em 1921, apesar da deficiência da ausência dos materiais pedagógicos, as aulas que ocorriam no grupo também cumpriam com os métodos e programas de ensino que eram recomendados pela diretoria geral da instrução pública, segundo o inspetor Amphiloquio Câmara, como podemos observar no registro do jornal:

Ha ainda na escola deficiência de material pedagógico, mas, com o que tem, o professor está regularmente cumprindo os methodos e programmas de ensino recommendados pela directoria geral da Instrucção Publica. (CAMARA, Amphiloquio. Pelo ensino – visitas

escolares – grupo escolar “Thomaz de Araujo”. *A Republica*. Natal, 24/08/1921, n. 180, p. 01).

No Grupo Escolar Senador Guerra, da cidade de Caicó-RN, em 1917, era perceptível o destaque, nos registros dos jornais, da ausência de materiais pedagógicos e as desagradáveis condições de higiene e conforto às quais os alunos e o edifício se encontravam. Sendo assim, a falta tanto dos materiais quanto da higiene poderiam provocar doenças nos alunos afetando seus organismos e sua saúde, algo que não estava de acordo com os preceitos higienistas:

Infelizmente, continuam a perdurar a falta da material pedagógico e as desagradáveis condições de conforto e hygiene do edificio, notadamente o ladrilho que, alem de damnificado, desprende grande quantidade de pò, por ocasião dos exercícios escolares, E' evidente que a poeira è a causa de innumeradas enfermidades, inclusive a tuberculose que ocupa logar de preferencia nos males do organismo humano.

Já tenho observado que as crianças, quando for por ocasião dos exercicios escolares recebem o pò do tijollo, são accommettidas de tosse não raras vezes violenta. (GONZAGA, Francisco. Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar Senador Guerra. *A Republica*. Natal, 18/09/1917, n. 206, p. 02).

O termo de visita do professor Amphiloquio Câmara sobre a escola isolada masculina do Grupo Escolar Padre Cosme, na vila de São Miguel de Pau dos Ferros -RN, em 1920, revela a má impressão que teve a respeito do estado no qual o grupo escolar se encontravaⁱⁱⁱ. Era notório o desleixo na organização do grupo, sem nenhum material pedagógico, mobiliário defeituoso, sem nenhum respeito ao cronograma, desatenção aos métodos e horário do ensino que eram recomendados pela Instrução Pública, como mostra o termo de visita publicado no jornal “A Republica”:

Termo de visita - Sem nenhum material pedagógico, mobiliário pobre e defeituoso, sem observância do horário, programas e methods de ensino recommendados pela directoria geral da Instrucção publica, com uma disciplina, em classe, pouco plausível por parte dos alumnos, observando ainda por parte do professor actual, sr. Antonio Pinheiro, accentuada falta de energia para com seus discipulos, enfim, sem organização pedagógica, a escola isolada masculina do grupo “Padre Cosme”, visitada por mim nestes últimos dias, não me deixou bõa impressão de seu funcionamento. (CAMARA, Amphiloquio. Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar “Padre Cosme. *A Republica*. Natal, 11/08/1920, n. 177, p. 01).

Ainda em 1920, no Grupo Escolar Coronel Fernandes não havia os materiais pedagógicos e escolares por completo. Porém, segundo o inspetor Amphiloquio Câmara, a falta desses materiais era decorrente, antes da falta absoluta dos materiais pedagógicos e escolares do que pelo desleixo dos professores, dando a entender que os professores apoiavam a utilização desses materiais tão essenciais para o aprendizado dos alunos, como observamos no registro do jornal “A Republica”:

Termo de visita - Quanto á parte technica do ensino, a escola isolada masculina do grupo “Coronel Fernandes” váe bem, cumprindo o professor Manoel Varella de Albuquerque todas as prescripções determinadas pela directoria geral da Instrucção publica. Falhas existem, é verdade, no seu funcionamento, mas decorrentes, antes da absoluta falta de material pedagógico do que motivadas por desleixo ou incúria do professor. (CAMARA, Amphiloquio. Pelo ensino – visitas escolares – grupo escolar “Coronel Fernandes”. *A Republica*. Natal, 12/08/1920, n. 178, p. 01).

É possível identificar que a falta de um material pedagógico completo não era perceptível somente em um único grupo escolar. A maioria dos grupos não possuía estes materiais por completo, base para o desenvolvimento das lições de coisas. Sua falta acarretaria na volta do antigo regime de ensino, em que as palavras eram abstratas e o ensino primitivo. No relatório do Departamento de Educação, de 1924, apresentado pelo Dr. Nestor dos Santos Lima, fica evidente a preocupação na aquisição dos materiais pedagógicos:

[...] Outro assumpto que exige grande atenção e solução tão rapida quanto fôr possível, é o do material pedagogico necessario ao bom desenvolvimento das lições.

Raros são os grupos que o possuem; quase sempre faltam os elementos que concretizam e facilitam as lições ao mestre e ao aluno.

É obvia a justificação do material pedagogico para a educação dos sentidos o da intelligencia; a sua falta ou escassez determina o regimen das palavras abstratas que caracterizava a escola antiga e rotineira. Por isso, devo insistir, como propuz no meu projecto anterior, por verba para aquisição de material de ensino para ser fornecido pelo Departamento aos grupos e escolas do interior, mediante prévio entendimento com os municípios. (LIMA, 1924)

Porém, não era só porque os grupos escolares não tinham os materiais pedagógicos completos que o ensino primário iria ser prejudicado. É possível identificar que alguns grupos escolares seguiam o horário, os programas com os métodos e processos pedagógicos recomendados pela diretoria geral da instrução

pública. Além disso, mesmo com a falta de materiais pedagógicos, os edifícios dos grupos escolares se encontravam em bom estado de conservação e asseio, providos do necessário material de expediente, sendo construídos em lugares secos e elevados, sem ligação com outros prédios, seguindo os preceitos de higiene e de conforto, fazendo com que o prédio receba ar e luz, atendendo satisfatoriamente as necessidades de ensino^{iv}.

Acreditamos que não devemos estabelecer relação direta entre um bom acervo de materiais pedagógicos e um bom ensino ou entre uma precária estruturação do mobiliário escolar e um mau aproveitamento das práticas escolares em prol da aprendizagem dos alunos. Mas, não podemos deixar de considerar que tais práticas são mediadas, também, pelas condições materiais do ambiente e que os resultados do trabalho pedagógico pode ter sim influência devido a essas condições. Assim, vale registrarmos o que declararam Faria Filho e Vidal (2000, p. 24), relativo ao período de institucionalização da escola primária no Brasil: "[...] os higienistas acentuavam sobremaneira o mal acusado, às crianças, pelas péssimas instalações escolares. Além disso, expunham o quanto a falta de espaços e materiais *higienicamente* concebidos era prejudicial à saúde e à aprendizagem dos alunos".

Sobre o material escolar, especificamente sobre carteiras escolares, no final do século XIX, os médicos higienistas, começaram a criticar suas características, devido à falta de eficácia para todos os alunos já que nem todos possuíam a mesma estatura, o que poderia causar em alguns alunos, escoliose e miopia, como declara Vidal (2009, p. 33):

No final do século XIX, esse mobiliário começou a ser criticado por médicos higienistas que percebiam, nas diferentes alturas entre banca e banco e na falta de respaldar, as causas da miopia e da escoliose entre os escolares. Alunos de várias estaturas sentavam-se nos mesmos lugares. Para uns, a distância entre o rosto e a mesa levava à aproximação do livro à vista. Para outros, impunha o afastamento. Nos dois casos, a posição forçada do corpo gerava desvios. A solução vinha associada à difusão de um móvel especial, definido em função do corpo infantil em suas diferentes etapas de desenvolvimento físico.

No Rio Grande do Norte, o Grupo Escolar Nysia Floresta, do município de Papary, em 1911, apesar de apresentar uma ótima coleção de materiais como a coleção de quadros para o ensino das lições de coisas, ainda faltavam alguns

materiais escolares e pedagógicos, necessitando ao diretor do grupo escolar solicitar mais materiais para o ensino do método intuitivo:

O material escolar ainda é deficiente, havendo 46 bancos-carteiras, de boa madeira, um tanto elevados, notadamente para a classe infantil, 0,71m de altura e 0,47m de largura, no assento. O material pedagógico é bastante incompleto, tendo sido dada, pelo Inspector do ensino, a relação do que é indispensável, como seja: contadores mechanicos, mappasgeographicos, sólidos geométricos, quadros, cartões para ensino da leitura, sineta, relógio, tympanos, &. [sic] Actualmente, possui o Grupo uma optimacollecção de quadros para o ensino das licções de coisas, isto é, elementos de scienciasphysicas e naturaes, offertada pelo exmo. Senador Antonio de Souza. Tem mais o Grupo três quadros negros, um mappa do Brazil, cubos, cabides e duas escrivaninhas de prata. (A REFORMA da instrucção – Os Grupos Escolares. *A Republica*. Natal, 07/01/1911, n. 10, p. 01).

Em 1911, no mesmo ano que o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, de Assú-RN, teve problemas com os materiais pedagógicos, os materiais escolares também estavam escassos, ou seja, segundo o inspetor de ensino Amphilóquio Câmara, o material escolar que servia mais para a comodidade dos alunos e professores, assim como as carteiras e mesas, para o asseio higiênico como as escarradeiras, folhas felpudas e os lavatórios, além de objetos que auxiliassem no tempo como o relógio e a sineta possuía, o Grupo, menos do que o regimento exigia:

Possúe o seguinte material escolar : 3 mesas para professores, sobre estrados e respectivos tinteiros, 6 cadeiras de junco, austríacas, 45 bancos-carteiras, sendo 15 para meninos de pequena estatura e os restantes, de bitola mais alta, para dois alumnos cada um, systema americano, 4 escarradeiras, 1 lavatorio completo, 6 tolhas felpudas, 3 tympanos, 1 sineta grande e 1 relógio de parede.(CAMARA, Amphiloquio. A reforma da instrucção – Os Grupos Escolares. *A Republica*. Natal, 20/09/1911, n. 201, p. 01).

No Grupo Escolar Antonio de Azevedo, em Jardim do Seridó-RN, no ano de 1911, os bancos carteiras eram construídos de forma separada, ou seja, eles não eram construídas de acordo com a adequação que deveriam ter, dessa forma, eles seriam possivelmente, descartadas:

Os bancos carteiras, que medem, a banca 0,95 de comprimento por 0,40 de largura e o assento 0,44 de altura, por 0,95 de comprimento e 0,35 de largura, com encosto de 0,35 de altura, tem o inconveniente de não formarem uma só peça, de modo que

facilmente estarão em reboição. (A REFORMA da instrução – Os Grupos escolares. *A Republica*. Natal, 08/03/1911,1 n. 52, p. 01).

A preocupação com o mobiliário escolar adquire moldes científicos no século XIX. Médicos, higienistas, pedagogos, administradores e industriais integraram-se a debates sobre o melhor modelo de mesas-bancos ou bancos-carteiras escolares, como nos faz lembrar Souza (1998, p. 139). Segundo a autora, "[...]. Além de materiais indispensáveis às funções do ensino, o mobiliário revela determinados hábitos e costumes sociais que se quer disseminar nos alunos, especialmente os objetos relacionados à manutenção da limpeza e higiene: bacias, limpa-pés, lavatórios, escarradeiras. Foi assim que a escola primária contribuiu para desenvolver hábitos de civilidade e urbanidade" (SOUZA, 1998, p. 143).

Porém, na maioria dos grupos escolares, os materiais presentes nos regimentos de ensino não faziam parte do cotidiano das instituições ou se o faziam, apareciam incompletos. Por mais que algum grupo escolar tivesse todos os seus livros didáticos legalizados, ou seja, de acordo com o que estava escrito no regulamento interno dos grupos escolares, observamos que nem sempre esses materiais atendiam aos preceitos higienistas e nem à própria regulamentação do ensino. Em alguns grupos escolares o mobiliário nem sempre atendia aos preceitos pedagógicos e higienistas da época. Os materiais pedagógicos não eram tão bem conservados e a sua quantidade era insuficiente. Regimentos de ensino e realidades escolares nem sempre caminharam de mãos dadas^v.

É uma contradição observarmos as relações entre o instituído e o efetivado nos grupos escolares, instituições como um marco moderno do governo republicano. Por isso, é importante analisarmos os registros dos jornais para observarmos o que possivelmente estava ocorrendo no cotidiano dos grupos escolares e na sociedade, com o intuito de entendermos o que o governo republicano pronunciava a respeito da população e do ensino primário e o que realmente poderia estar acontecendo. Trabalhar com uma fonte documental, como o jornal, possibilitou-nos observar as características que os indivíduos da época do início do século XX deveriam ter, segundo a visão do governo republicano. Por meio da análise da fonte jornal, pudemos identificar a preocupação que o governo norte-rio-grandense tinha em relação ao ensino primário, o qual deveria ser de qualidade, devendo seguir normas e procedimentos para se obter um bom resultado: que era a alfabetização da sociedade, a fim de conseguir um maior número de indivíduos letrados que pudesse

votar, além de disseminar os feitos republicanos para a população, já que ela não participou da instituição deste regime.

Com isso, vale salientar que o jornal pesquisado: “A Republica”, trouxe-nos a visão e as impressões do que os inspetores de ensino presenciavam ao visitar um grupo escolar. Esses inspetores eram responsáveis por fiscalizar o que estava ocorrendo nos grupos escolares, com a finalidade de observar irregularidades para aconselhar os diretores dos grupos a solucioná-las. Todas essas impressões, dos grupos escolares norte-rio-grandenses, eram publicadas no jornal “A Republica”.

Com essa documentação escrita nos foi possível identificar aspectos da cultura escolar dos grupos desde como funcionavam com as imposições postas a eles via normatizações até como e o que, de fato, estava ocorrendo dentro dos grupos escolares em relação às normas estabelecidas para o seu funcionamento.

É importante ressaltar que como o jornal “A Republica” era um veículo do Partido Conservador, poderíamos pensar que nele só estariam escritas publicações a favor da administração de governadores do referido partido. Contudo, torna-se relevante pesquisar-lo já que nele eram publicados não apenas registros favoráveis, mas também “visões ruins” a respeito da educação, como no caso, as irregularidades que os inspetores de ensino presenciavam em determinados grupos escolares o que mostrava de alguma maneira, a ausência ou a fragilidade da administração pública em relação aos serviços de instrução.

O jornal é uma fonte de pesquisa indispensável para se identificar aspectos não só do cotidiano da educação, como também da sociedade, possibilitando-nos investigar os objetos, as mulheres, as crianças, os livros, ou seja, todos os sujeitos que constroem e contribuem para a formação da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os grupos escolares foram disseminados pela administração pública com o intuito de mostrar a toda população os feitos benéficos da República. Com o objetivo de se ter uma educação primária de qualidade os grupos escolares, eram estruturados com base em princípios e práticas higienistas, além de outros preceitos considerados modernos. Os grupos eram constantemente fiscalizados pelos inspetores de ensino que iriam aconselhar a professora do grupo escolar a seguir os programas de ensino e o cronograma escolar. Buscava-se tornar o ensino primário

adequado aos ideais republicanos de ordem, progresso, disciplina, moral, patriotismo e civismo.

Uma preocupação permanente nos grupos era a existência de materiais pedagógicos e escolares, base para a execução do método intuitivo. Esses materiais completavam o processo de aprendizado dos alunos dando-os a oportunidade de desenvolvimento da escrita, da leitura, de compreensão e da construção de conhecimentos. Os materiais pedagógicos e escolares deveriam contribuir também para a construção e disseminação dos valores morais e cívicos que os republicanos queriam incutir na sociedade brasileira. Porém foi possível observar que apesar desses materiais serem tão importantes para o desenvolvimento e o processo de ensino aos alunos, em alguns grupos escolares esses materiais não faziam parte do cotidiano escolar, já que o que imperava era a sua ausência.

O ensino moderno baseado no método intuitivo, com atividades orientadas pela observação criteriosa e propositiva e pela valorização e estímulo da experiência, encontrou obstáculos pelas ausências frequentes dos recursos pedagógicos necessários. Isso poderia resultar na permanência do ensino tradicional, marcado pela oralidade do professor como transmissora de informações e pela memorização do aluno como sinônimo de aprendizagem. Contudo, consideramos que, apesar de tais ausências de recursos, a busca e as orientações para a utilização de materiais pedagógicos e escolares adequados, já contribuía para criar uma nova cultura escolar para o ensino primário público no Rio Grande do Norte no início do século XX.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Hananiel de S. **Higiene e escolarização nos grupos escolares no Rio Grande do Norte nas primeiras décadas do século XX**. Monografia [Bacharelado em História]. Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

A REFORMA da instrução – Os Grupos Escolares. **A Republica**. Natal, 07 de jan. 1911, n. 10, p. 01.

A REFORMA da instrução – Os Grupos escolares. **A Republica**. Natal, 08 de mar. 1911, n. 52, p. 01.

A REFORMA da instrução. **A Republica**. Natal, 16 de mar. 1912, p. 01.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930):** cultura escolar, civilização e escolarização da infância. Natal, 2009.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. Manuais didáticos no início do século XX em Sergipe: cultura material escolar dos grupos escolares. **História (São Paulo)**, v.30, n.2, p. 100-125, ago/dez 2011.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **Escola da ordem e do progresso:** grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte. Brasília: Liber Livro, 2012.

BOTO, Carlota. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 493-511, set./dez. 2004.

CÂMARA, Amphiloquio. A reforma da instrução – Os Grupos Escolares. **A Republica**. Natal, 09 de fev. 1911, n. 32, p. 01

CAMARA, Amphiloquio. Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar “Padre Cosme”. **A Republica**. Natal, 11 de ago. 1920, n. 177, p. 01

CAMARA, Amphiloquio. Pelo ensino – visitas escolares – grupo escolar “Coronel Fernandes”. **A Republica**. Natal, 12 de ago. 1920, n. 178, p. 01.

CAMARA, Amphiloquio. Pelo ensino – visitas escolares – grupo escolar “Thomaz de Araujo”. **A Republica**. Natal, 24 de ago. 1921, n. 180, p. 01.

CAMARA, Amphiloquio. A reforma da instrução – Os Grupos Escolares. **A Republica**. Natal, 20 de set. 1911, n. 201, p. 01.

CASTRO, Raquel Xavier de Souza; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Cultura material da escola: entram em cena as carteiras. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 207-224, jan./abr. 2011. Editora UFPR.

FARIA FILHO, Luciano M. de; VIDAL, Diana G. Os tempos e os espaços no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. 2000, n. 14, p. 19-34.

GALVÃO, Francisco Gonzaga. Pelo ensino – visitas escolares – grupo escolar “Joaquim Nabuco” (Taipú). **A Republica**. Natal, 28 de abr. 1922, n. 93, p. 01.

GONZAGA, Francisco. Pelo ensino – visitas escolares – Grupo Escolar Senador Guerra. **A Republica**. Natal, 18 de set. 1917, n. 206, p. 02.

HERSCHAMNN, Micael M. A arte do operatório - Medicina, naturalismo e positivismo. IN:_____; PEREIRA, Carlos Alberto M. (Org.). **A invenção do Brasil moderno:** medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 43-65.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Autores Associados, n. 1, 2001, p. 09-43.

KROPF, Simone P. O saber para prever, a fim de prover-a engenharia de um Brasil moderno. IN: HERSCHAMNN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto M. (Org.). **A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 202-223.

MARTÍNEZ, PEDRO L. M. La modernización de la cultura material de la escuela pública em España, 1882-1936. IN: BENITO, Agustín E. (Org.). **La cultura material de la escuela** - en el centenario de la junta para la ampliacion de estúdios, 1907-2007. Berlanga de Duero, Soria, 2007, p. 45-74.

MOREIRA, Ana Zélia. **Um espaço pioneiro de modernidade educacional: Grupo Escolar Augusto Severo, Natal-RN (1908-1913)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

MOURA, Gracielle C. F. ; BARROS, Eva C. A. C. Cultura material escolar: o Grupo Escolar Capitão-Mor Galvão e a formação de crianças sob um ideal de ordem e civilidade (1912-1930). In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL NORTE E NORDESTE, 18º. **Anais**. Maceió, UFAL, 2007.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Doutor Octaviano>. **A Republica**. Natal, 05 de set. 1918, n. 199, p. 02.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Meira e Sá>. **A Republica**. Natal, 02 de set. 1918, n. 196, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Meira e Sá>. **A Republica**. Natal, 28 de ago. 1918, n. 192, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Almino Affonso>. **A Republica**. Natal, 23de ago. 1918, n. 188, p. 01.

PELO ensino- visitas escolares – Grupo Escolar <30 de Setembro>. **A Republica**. Natal, 12 de jul. 1918, n.153, p. 02.

PELO ensino – visitas escolares - Grupo Escolar Conselheiro Britto Guerra. **A Republica**. Natal, 09 de jul. 1918, n. 150, p. 02.

PELO ensino - visitas escolares – Grupo Escolar Senador Guerra. **A Republica**. Natal, 18 de set. 1917, n. 206, p. 02.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Fabricio Maranhão>. **A Republica**. Natal, 08 de jul. 1918, n. 149, p. 02.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Coronel Fernandes>. **A Republica**. Natal, 20 de ago. 1918, n. 185, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Dr. Octaviano>. **A Republica**. Natal, 04 de jan. 1918, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Fabricio Maranhão>. **A Republica**. Natal, 08 de jul. 1918, n. 149, p. 02.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar <Antonio Carlos>. **A Republica**. Natal, 01 de ago. 1918, n. 170 , p.02.

PELO ensino – visitas escolares. **A Republica**. Natal, 16 de ago. 1920, n. 181, p. 01.

PELO Ensino – Visitas Escolares – Grupo Escolar “Tenente Coronel José Correia”. **A Republica**. Natal, 18 de ago. 1921, n. 175, p. 01.

PELO Ensino – visitas escolares – Escola Normal de Mossoro’. **A Republica**. Natal, 21 de jul. 1922, n. 159, p. 01.

PELO Ensino – visitas escolares – Grupo Escolar “Conselheiro Britto Guerra” (Areia Branca). **A Republica**. Natal, 26 de jul. 1922, n. 163, p. 01.

PELO ensino – visitas escolares – Grupo Escolar “Felippe Camarão” (Ceará – Mirim). **A Republica**. Natal, 29 de abr. 1922, n. 94, p. 01.

Relatório de 15 de setembro de 1926 encaminhado ao Exm. Sr. Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros. RIO GRANDE DO NORTE/Departamento de Educação. **Relatório do Departamento de Educação apresentado pelo Dr. Nestor dos Santos Lima**. Natal, 15 set. 1926. 43 fl. (Manuscrito).

RIO GRANDE DO NORTE. **Relatório apresentado pelo Dr. Francisco Pinto de Abreu, Diretor Geral da Instrução Pública**. Natal, 15 de out. 1910. 20 fl. (Manuscrito).

RIO GRANDE DO NORTE / Departamento de Educação. **Relatório do Departamento de Educação apresentado pelo Dr. Nestor dos Santos Lima**. Natal, 2 out. 1924. 48 fl. (Manuscrito).

RIO GRANDE DO NORTE. **Regimento Interno do Grupo Escolar "Trinta de Setembro, 1909**.

RIO GRANDE DO NORTE. Departamento de Educação. **Regimento do Grupo Escolar "Augusto Severo"**. Natal: Typographia d'A República, 1909. p. 83-99.

RIO GRANDE DO NORTE. **Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas do Estado do Rio Grande do Norte**. Directoria Geral da Instrução Publica. Natal: Typ. Commercial - J. Pinto & C., 1914.

ROCHA, Heloísa H. P. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygienr de São Paulo (1918-1920)**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.

SOUZA, Rosa Fátima de. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 103-120, jul./set. 2013. Editora UFPR.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivos de corpos**: educação física e gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). [Tese de Doutorado]. Bragança Paulista, USF, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.1, pp.25-41, Jan/Jun 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves (Org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

VISITAS escolares grupo escolar Almino Affonso. **A Republica**. Natal, 04 de dez. 1917, n. 267, p. 01.

VISITAS escolares grupo escolar Coronel Fernandes. **A Republica**. Natal, 07 de dez. 1917, n. 270, p. 02.

VISITAS escolares grupo escolar Ferreira Pinto. **A Republica**. Natal, 10 de dez. 1917, n. 271, p.01.

VISITAS escolares - Grupo Escolar <Senador Guerra>. **A Republica**. Natal, 16 de ago. 1918, n. 182, p. 02.

NOTAS

ⁱ Neste artigo os trechos extraídos de documentos de época têm respeitada a grafia original.

ⁱⁱ Neste artigo os trechos extraídos de documentos de época têm respeitada a grafia original.

ⁱⁱⁱ Em 1917, no governo de Joaquim Ferreira Chaves, os grupos escolares cujas frequências fossem consideradas adequadas foram reduzidas a das escolas, "uma para cada sexo, funcionando isoladamente, com programas condensados e horários modificáveis segundo a necessidade de cada uma" (MENSAGEM, 1917, p. 12).

^{iv} Exemplos disso podem ser encontrados em: *A Republica*, 09/07/1918, 12/07/1918, 23/08/1918, 28/08/1918, 02/09/1918, 09/1918, 18/08/1921, 21/07/1922 e 26/07/1922.

^v Exemplos disso podem ser encontrados em: *A Republica*, 16/03/1912, 08/07/1918, 04/12/1917, 7/12/1917, 18/09/1917, 10/12/1917, 01/08/1918, 23/08/1918, 08/07/1918, 16/08/1918, 20/08/1918, 16/08/1920 e 29/04/1922.